

Profissões no passado – Profissões no Futuro

(personagens sociais em tempos de transição)

Bernardete Wrublewski Aued¹

Resumo

Este texto procura realizar um balanço teórico acerca da sociedade contemporânea, focalizando o comportamento de algumas profissões no passado e no futuro, sugerindo assim a necessidade de “uma arqueologia sobre o trabalho”. A extinção de profissões evidencia uma sociedade em movimento e em período de transição. Nesta, os personagens sociais se mostram indefinidos, mesclados e amalgamados dificultando, a caracterização sociológica.

Neste artigo procuramos ressaltar algumas relevantes manifestações da subjetividade nas estratégias adotadas, pelo personagem social, para continuar sobrevivendo e as possibilidades e arranjos que se desencadeiam, a partir das metamorfoses objetivas no contexto do trabalho. Procuramos tam-

Abstract

This text tries to accomplish a theoretical balance concerning the contemporary society, focusing the behavior of some professions in the past and in the future, suggesting the need of “an archaeology of labor”. The extinction of professions evidences a society in movement and in transition. There, the social characters are shown indefinite, mixed and amalgamated, hindering the sociological characterization.

In this article, we try to stand out some important manifestations of the subjectivity in the adopted strategies, by the social character to continue surviving and the possibilities and arrangements that are unchained, starting from the objective metamorphoses in the context of labor. We also try to

¹ Dra. em Ciências Sociais, pela PUC de São Paulo e professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina.

bém apreender o contexto das necessidades que geram certas profissões, como imprescindíveis, mas que no momento subsequente as destitui, tornando-as desnecessárias. Esse movimento de extinção de postos de trabalho e de profissões significa o fim de uma época social? O fim do trabalho assalariado?

Entre a extinção de uma profissão e a emergência de outra, percebemos o **(im) + pacto** das inovações tecnológicas que moldam e redefinem o social. O mito da inovação se confunde com o impacto de sujeição da força de trabalho. As novas ações no trabalho não respondem somente às necessidades técnicas, mas, fundamentalmente, ao controle social e à disciplina da força de trabalho. O mito da inovação sugere uma reflexão histórica acerca das potencialidades contraditórias da revolução informacional.

Palavras-chave: Sociologia do trabalho; inovações tecnológicas; extinção de profissões; arqueologia do trabalho.

apprehend the context of the needs that generate certain professions as indispensable, but that in the subsequent moment deprives them, turning them unnecessary. Does that movement of extinction of work posts and of professions mean the end of a social period? The end of the salaried work?

Between the extinction of a profession and the emergency of other, we notice the **(im) + pact** of technological innovations that mold and redefine the social. The myth of to innovation mixes up with the submission of the work force. The new actions in the work do not only answer to the technical needs, but, fundamentally, to the social control and the discipline of the work force. The myth of innovation suggests a historical reflection concerning the contradictory potentialities of the informational revolution.

Keywords: sociology of labor; technological innovations; extinction of professions; archaeology of labor.

A transição social e o desemprego

...o canto do cisne de uma sociedade é, ao mesmo tempo, o nascimento de uma nova vida (FIGUEIRA, 1991:8).

A questão é a atualidade do momento contemporâneo. Não se pode permanecer indiferente às mudanças do nosso tempo; aos rumos que a sociedade parece começar a definir. A queda do muro de Berlim,

no Leste Europeu, sugere um olhar para o que está acontecendo no lado capitalista. Do lado socialista, seus ícones – MARX e LÊNIN – passam da era de bronze à era da poeira, e tudo que parecia sólido se esfuma no ar. Do lado capitalista, o desemprego jorra aos borbotões, e tudo o que se assemelha à solidez teórica verte água. Instituições seculares parecem se desmanchar no ar, nada resiste ao ímpeto avassalador daquilo que os pensadores denominam de muitas maneiras: reengenharia (RIFKIN, 1995); crise (ANTUNES, 1993), reestruturação produtiva (DIEESE, 1997). Entre estes termos há um denominador comum, a noção de transição que impregna a todos os seres humanos, independentemente da consciência. **Profissão**, objeto desta análise, não foge à regra. Ela é uma das variáveis modernas também em transição, ou como denomina a mídia em geral: as profissões são questões sociais em crise.

Os profissionais de ofícios, que por sua própria natureza, em momentos históricos muito remotos, nadaram no remanso de águas serenas, hoje, ao contrário, nadam em águas tempestuosas. Muito mais do que ontem, o personagem social visto na ótica profissional, manifesta-se em obsolescência ou em vias de extinção. O desemprego põe a nu essa forma que extingue ofícios, profissões e seres humanos.

No limiar do século XXI, o panorama social aponta, por um lado, para um desemprego crescente e, por outro, para a intensificação e precarização das condições de trabalho. Ao contrário das expectativas do início do século XX, o Direito ao Trabalho encontra-se ameaçado e não é suficiente para humanizar as condições de vida do trabalhador. O trabalho neurotiza; embrutece; contraria algumas idéias, do início deste século, que prediziam o fim do trabalho fatigante. Novas formas de gestão e de controle coexistem com velhas questões, ressurgem muitas dúvidas, tais como: é possível a realização profissional no trabalho? É possível libertar os trabalhadores do trabalho penoso e repetitivo? Entre outras questões.

Desde longínquos tempos o homem sonhou com uma “fábrica com máquinas trabalhando sozinhas”. Tais sonhos permeiam o imaginário cotidiano, mas seguidamente a realidade contraditória se desnuda, expondo a falta de sentido no trabalho, ao mesmo tempo em que perdura uma ideologia que sugere ao indivíduo que ele não deve encontrar um trabalho pleno de significado e que lhe dê prazer. O trabalho contém uma dimensão ambivalente, muito embora não possa ser reduzido à dicotomia de positivo ou negativo. O trabalho é uma dimensão importante da realidade e os trabalhadores são os atores e autores desta obra que não se constrói sozinha.

O processo de transformação social, transcendente ao trabalho, no século XX, resulta em diversos obstáculos e dificuldades para os trabalhadores.² Tais metamorfoses repercutem, sobremaneira, na atividade profissional, que imprime um processo de extinção de postos de trabalho e de profissões, todavia nem sempre no mesmo ritmo e intensidade com que são extintos. Neste artigo pretende-se levantar o contexto social que funda certas profissões como imprescindíveis e o movimento subsequente, que as destitui de qualquer sentido de necessidade. Como ponto de partida dessa análise, opta-se por dedicar especial atenção às questões acerca do movimento de extinção das profissões, considerando-se que o trabalho ainda é uma questão crucial àqueles que vivem do trabalho (MARX, 1968:393). Além disso, ao contrário do que supõe a teoria neoclássica, não há trabalho para todos (ANTUNES, 1995). A “revolução” do trabalho sugere uma correlação com o tema do desemprego.

A rigor, o desemprego, na relação social capitalista, não é exatamente um problema, mas uma solução utilizada para superar as crises inerentes à lei da taxa decrescente, de lucros que o capital ciclicamente enfrenta. Historicamente, o capitalismo tem convivido com o desemprego. Em alguns momentos ele se apresenta mais intenso enquanto que noutros consegue ser minimizado, podendo ser entendido como o resultado das relações capitalistas de produção, as quais através de políticas impõe o aumento das taxas de *mais-valia* para reprodução do capital:

...não é o desemprego em si que é nefasto, mas o sofrimento que ele gera e que para muitos provém de sua inadequação àquilo que o define; àquilo que o desemprego projeta, apesar de fora de uso, mas ainda determinando o seu estatuto. O fenômeno atual do desemprego já não é mais aquele designado por aquela palavra, porém, em razão do reflexo de um passado destruído, não se leva isso em conta quando se pretende encontrar soluções e, sobretudo, julgar os desempregados. De fato, a forma contemporânea daquilo que ainda se chama desemprego jamais é circunscrita, jamais definida e, portanto, jamais levada em consideração. Na verdade, nunca se discute aquilo que se designa pelos termos desemprego e desempregados; mesmo quando esse problema parece ocupar o centro da preocupação geral, o fenômeno real é, ao contrário, ocultado. Um desempregado, hoje, não é mais objeto de uma marginalização provisória, ocasional, que atinge apenas alguns

² Com suas poderosas máquinas inteligentes, o ambiente de trabalho automatizado surge como resposta ao antiquíssimo sonho da humanidade de uma vida livre de trabalho árduo e de dificuldades (RIFKIN, 1995:200).

setores; agora ele está às voltas com uma implosão geral, com um fenômeno comparável a tempestades, ciclones e tornados, que não visam ninguém em particular, mas aos quais ninguém pode resistir. Ele é objeto de uma lógica planetária que supõe a supressão daquilo que se chama trabalho, vale dizer, empregos (FORRESTER, 1997:10-1).

As altas taxas de desemprego não atingem somente algumas poucas nações, mas também os oito principais países industrializados. Os índices mais recentes sobre desemprego no Brasil são elevados. Vejamos, segundo informes do DIEESE, 1996:64:

... entre janeiro de 1990 e junho de 1996, o Brasil perdeu 2,06 milhões de empregos na economia formal: as empresas contrataram 52,508 milhões de trabalhadores e demitiram, no período 54,568 milhões. Nestes seis anos e meio, a PEA aumentou de 64.467.981 para 74.138.441. Ou seja, além de perder mais de dois milhões de empregos, o mercado recebeu no período 9.670.460 trabalhadores a mais, gerando um déficit de 11,7 milhões de empregos na economia formal.

Ainda segundo o DIEESE, nas principais capitais brasileiras revelam-se altas taxas, como é o caso de Belo Horizonte, onde 13,7% da população economicamente ativa está desempregada, o que representa 230.000 pessoas. Em Porto Alegre a taxa atinge 13,1%, ou seja, 219.000 pessoas. No Distrito Federal a taxa é de 17,9%, ou 149.000 pessoas. Em cinco regiões metropolitanas (Brasília, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre e São Paulo), o desemprego envolve dois milhões de pessoas.

Na região metropolitana de São Paulo, no ano de 1997, pelo terceiro mês consecutivo, houve crescimento da taxa de desemprego total, que passou de 15,0% em março, para os atuais 15,9%, tendência geralmente observada no período. Estima-se a existência de 1.359.000 pessoas desempregadas na região (SEADE/DIEESE, 1997:01).

Além do desemprego alarmante, o trabalho na atualidade torna-se cada vez mais precário e intermitente. Além disso, expande-se na forma de trabalho em tempo parcial e informal (ANTUNES:1995; LOJKINE:1990; RIFKIN:1995).

Muito têm-se escrito sobre os imperativos dessa “revolução” do trabalho (BRAVERMANN, 1974; NAVILLE, 1980; FREYSSINET, 1993; LOJKINE, 1995; OFFE, 1984; GORZ, 1987; MARTINS, 1994; HIRATA, 1993; ANTUNES, 1995; RIFKIN, 1995; FORRESTER, 1997). Reinicia-se o questionamento de uma sociedade com problemas no trabalho e estes se agravando continuamente. De longa data o Brasil se insere entre aque-

les países que têm relevante produção teórica sobre o mundo do trabalho. Desde os anos sessenta há análises que explicam a emergência do operariado, as atitudes políticas na relação deste com os sindicatos e o Estado (PEREIRA, 1965; LOPES, 1965; SIMÃO, 1966; RODRIGUES, 1968). Na década de setenta, as teorias sobre o mundo do trabalho se avultam com o ressurgimento do movimento sindical (ANTUNES, 1986; ALMEIDA, 1988). No final dos anos oitenta, consolidam-se ao se vincular ao rigor acadêmico (FLEURY, 1985; NEDER, 1988; HIRATA, 1992). Adentrando à década de noventa, as análises ampliam-se com o debate sobre a caracterização do cotidiano, do chão da fábrica e a mutação do trabalho em escala mundial, tal como: a reconversão/reestruturação produtiva; a terceirização; o toyotismo; o trabalho a domicílio; o trabalho sazonal; a intensificação e a precarização do trabalho (GUIMARÃES, 1987; CASTRO, 1990/3; HIRATA, 1990/3; BRESCIANI, 1991; MARQUES, 1992; LEITE, 1994; MARTINS, 1994). Elegem-se como atualidade a reestruturação produtiva, a reengenharia, a reconversão produtiva, o toyotismo e o sindicalismo participativo.

Internacionalmente o problema tem preocupado muito os pesquisadores (MARCUSE, 1969; GORZ, 1987; NEGTE, 1989; CORIAT, 1990; LIPIETZ, 1991; FREYSSINET, 1994; AZNAR, 1995; THUROW, 1996). Para eles, a “revolução do trabalho” contém um problema que é o desemprego, ainda que contraditoriamente possa também conter algo, além da exclusão social. Estabelecendo uma relação estrutural entre trabalho e desemprego, esses autores sustentam que tal unidade é contraditória, contendo um “bem” e um “mal” ao mesmo tempo, e o que parece ser um limite é também uma potencialidade, uma vez que se trata de algo, que ainda está inserido na trama complexa das relações capitalistas, mas dela prescinde. Assim, o “mal” do século é, também, contraditoriamente, o “bem”. (LOJKINE, 1995:263) diz que: *há positividade na ausência de trabalho e o desemprego oferece o desabrochar de novas possibilidades*. Este autor chama a atenção para o que parece ser o ponto fulcral do problema, e ele é visível a partir da “revolução informacional”. Nisso tudo há uma constatação inexorável: a dita revolução, que atrai pesquisadores, exclui seres humanos. O desemprego não é invenção de economistas ou de sociólogos. As dificuldades de apreender essa questão são inúmeras e contém um nível de complexidade que impõe muitos obstáculos aos pesquisadores

O esforço para compreender o que é o desemprego tem sugerido reflexões acerca de sua antítese, o trabalho. Mas nem aí as questões possuem menor grau de dificuldade. O simples fato de trabalhar não basta para

revelar o seu significado à primeira vista. Dizemos, também, que a lua brilha, que o capital financeiro faz filhos, assim como a macieira produz frutos, e no entanto, isto não passa da simples aparência. Através destes exemplos torna-se evidente quão difícil é rasgar o véu de um mundo enfeitado, invertido e às avessas, que muitas vezes se apresenta na relação social capitalista. Se trabalhar não é uma verdade revelada, então o que é trabalho? Segundo MARX: *o trabalho em geral é um processo que se desenvolve mediatizando as relações do homem com a natureza.*

Os homens se fazem humanos pelo trabalho, processo que ao longo dos séculos imprimiu-se com uma caracterização positiva e negativa. Ao mesmo tempo que tem a ver com a omnilateralidade, isto é, o homem se faz (homem/mulher) trabalhando, denota outro significado: dor; fadiga; esforço; dominação; penalidade, acrescidos de traços bíblicos de culpa e pecado (MARX, 1973:28). Ademais, essas representações reafirmam o vínculo dos seres humanos com o trabalho, na sociedade capitalista. O trabalho contém ainda outras dimensões importantes. Há correspondência entre a emergência da sociedade industrial capitalista e o trabalho na forma de assalariamento, isto é, uma nova espécie de criatura, com ocupação peculiar e uma maneira de subordinação muito própria. O trabalho e o desemprego constituem-se numa unidade contraditória, uma vez que o primeiro não existe sem o segundo.

Ademais, a revisão bibliográfica e a observação empírica suscitam questões sobre essa unidade indissociada. O movimento do trabalho encaminha-se para uma sociedade predominantemente de desempregados, de ausência de profissionais? Tal mudança permite que se pense numa revolução do trabalho? Se não há ninguém, em sã consciência, a defender profissionais obsoletos, então qual deve ser a performance do novo profissional?

A busca de respostas para estas indagações sugere uma importante conexão entre determinadas necessidades que fazem emergir as profissões e ofícios e, aquelas que as tornam obsoletas, ou simplesmente ao processo de mudança social. Em Sociologia se diz que há “mudanças e mudanças”, inclusive aquelas onde se muda tudo, para tudo permanecer como está, como sugere (LAMPEDUSA, 1974:42).

As metamorfoses do acendedor de lampião ao eletricitário.

*Quem foi rei nunca perde a majestade
(ditado popular).*

Como sugere o dito popular, não é sem dificuldade que os homens abrem mão de sua existência anterior. Mesmo quando já perderam a coroa, ainda assim lutam para conservar a majestade. O adágio popular enfatiza aquilo que se constitui no objeto desse artigo, ou seja, a metamorfose de um personagem social diante das dificuldades de, paradoxalmente, conservar sua majestade, sem contudo reinar (FIGUEIRA, 1991).

Nas práticas sociais e políticas vem ocorrendo uma mudança espantosa que se tornou evidente, provavelmente, após 1989. Essa mudança, por sua vez, está associada à emergência de novas práticas de dominação, conhecidas como reengenharia, reestruturação produtiva e são perceptíveis em toda parte. A simultaneidade dessas transformações, no entanto, não permite que se estabeleça uma prova de conexão imediata e causal da ascensão do pós-modernismo, ou do pós-capitalismo, que justificariam novas práticas ou movimentos. **As mudanças em relação ao desmonte dos direitos sociais, quando cotejadas com as formas flexíveis de acumulação capitalista, mostram-se mais como transformações na aparência superficial do que evidências de novas formas de organização ou, ainda, de nova sociedade pós-industrial** (HARVEY, 1989:14).

Entre a extinção de uma profissão e a emergência de outra, perceberemos o **(im)+pacto** das inovações tecnológicas que conformam e redefinem o social. O mito das inovações se confunde com o impacto de sujeição da força de trabalho, de algo metido à força, impelido. As novas ações no trabalho não respondem somente às necessidades técnicas mas, fundamentalmente, de controle social e de disciplina da força de trabalho.

Segundo HOBBSAWM, as palavras têm significado histórico e em geral elas aparecem muito depois do fato existir. As palavras são testemunhas que falam mais alto que documentos. Além disso, levando em consideração que elas foram inventadas, que ganharam significado numa determinada época histórica, depreende-se por que estas mesmas palavras podem conter mais de um significado, ou ainda conceituar algo que se distancia da época social, em que elas foram engendradas. Dessa maneira os

conceitos perdem validade na medida em que continuam sendo utilizados sem a correspondência da época. O pacto, na sociologia, é utilizado como: noção de acordo entre as partes, é cúmplice da modernidade. A definição de pacto, aqui, não assume somente este significado de contrato social entre partes conscientes, mas a idéia da produção histórica da existência que independe do consentimento do próprio homem. O ser social é impedido por um movimento de fora para dentro, tal como ocorre, por exemplo, no impacto de projétil, bomba ou míssil quando encontram os seus alvos.

O recuo na história e no tempo nos auxilia a compreender a trama em que os personagens da atualidade estão inseridos. Neste sentido é oportuno trazer à luz o tempo social em que não havia luz elétrica e, portanto, da existência do acendedor de lâmpadas. A “luz” pode vir então da sua ausência. **A época social na qual o acendedor se fazia necessário engendra necessidades que o torna, hoje, obsoleto.** Em seu lugar se funda outro profissional, o eletricitário, a negação do primeiro. O acendedor de lâmpadas não é o mesmo personagem que o eletricitário, um e outro pertencem às épocas sociais distintas, ainda que se assemelhem e se denominem sob a abstração geral de trabalhadores assalariados. Enquanto o primeiro existia no início do século, em Santa Catarina, até a 1ª década do século XX, o segundo, ganha expressão social³ somente nos anos 70. Entre a época social que o primeiro personagem social existia e o segundo há uma importante distinção a ser feita que pode ser extremamente útil, para compreendermos a atual inserção social do eletricitário, que também parece não ser mais o mesmo de outrora. Hoje, o eletricitário vive angustiado, inseguro e na iminência de ser mais um a engrossar as fileiras do desemprego. Seu temor e angústia são tão grandes que ele se mostra reticente até em lutar por suas reivindicações. Aceita perder socialmente e busca individualmente conter a avassaladora onda que não exclui somente sua profissão mas que também o exclui da vida.

Além dos acendedores de lâmpada outras profissões caracterizam-se como extintas ou em vias de extinção. São elas: **rebocadores de embarcação**: existentes até os anos cinquenta, tanto em Florianópolis (SC) como em Itajaí (SC), esses profissionais ocupavam posição relevante na comunicação marítima, predominante até a metade do século. Hoje foram substituídos por instrumentos e radares; **acendedores de lâmpada**: em Florianópolis, esses profissionais eram responsáveis pela iluminação do centro da cidade até meados dos anos vinte. Tornaram-se obsoletos com

³ Uma vez que se organiza sindicalmente, nesta época, e, portanto, impõem-se diante da realidade com reivindicações sociais.

a iluminação elétrica que começou a ser implementada por volta de 1910; **chapeleiros**: na cidade de Jaraguá do Sul (SC) ainda existe uma fábrica de chapéus, quando muitas outras foram extintas. A existência dessa fábrica vai nos auxiliar na reconstituição da profissão do chapeleiro, assim como da época social em que eles viviam. A fábrica existe desde 1923; **alfaiates**: alguns remanescentes dessa atividade ainda podem ser encontrados em Florianópolis, Joinville e Blumenau (SC), cidades fundadas e marcadas pela imigração; **mineiros**: de todas as profissões extintas ou em processo de obsolescência, a situação do mineiro é a que melhor espelha quão emblemático é o movimento que torna prescindível a atividade de mineração. Em Criciúma ou em Lauro Müller (SC), a extinção da atividade tem sido desencadeada com a introdução de maquinaria; substituição de ramo e descoberta de novos supercondutores energéticos. Lauro Müller é especialmente um exemplo de destruição da natureza e de seres humanos. A região convive com um dos índices mais elevados de desemprego no Estado de Santa Catarina. Em termos sociais, essa evidência reforça a necessidade de aprofundarmos a reflexão sobre o movimento das profissões; **tipógrafos**: essa atividade metamorfoseou-se na segunda metade do século XX. Em sua trajetória, que pressupõe intensa divisão social do trabalho e incorporação de tecnologias informatizadas, fragmentou o processo de trabalho, redefinindo-o. O processo de composição do jornal, atualmente, prescinde do tipógrafo, que é substituído por jornalistas que também se metamorfosearam com o fax e a Internet. A máquina *off-set* “aposentou” o tipógrafo; **bancários**: quantitativamente os bancários expressam a categoria que, na atualidade, de forma mais expressiva teve seus postos de trabalho extintos. Nos anos setenta representavam uma força política e possuíam forte organização sindical. Hoje a categoria está numericamente reduzida.

Entre a época social que instituiu a necessidade de acendedores de lâmpião e a atualidade, parece haver uma grande diferença. O local foi mil vezes suplantado pela teleinformática, que decuplicou a capacidade de comunicação e interconexão entre os seres humanos, tornando prescindíveis certos personagens, outrora, de fundamental importância (CHESNAIS, 1996:29). A teleinformática subverteu a territorialidade do saber produzido ou apropriado individualmente. Não há mais produção individual do conhecimento, ainda que haja insistência na sua apropriação individual.

Quantas mãos e mentes fizeram o computador? O fax? O texto na home-page é de propriedade de quem? Que ética se faz necessária nessa situação? O que é direito autoral, nessa circunstância? Subverteu-se, na prática, aquilo que foi instituído outrora como o fundamento de uma nova ordem. A apropriação de um saber que não é mais individual, mas coletivo. Entretanto, outra racionalidade não quer dizer adaptação ao progresso técnico. **Será que o trabalho se encontra em extinção?** As forças em ebulição da história humana, na qual as mudanças são incessantes, reservam inúmeras surpresas. Por esta razão têm-se refletido tanto, nestes últimos anos, sobre o que significam os novos fatos, ou se não é, sem tempo, a necessidade de rever algumas formulações, como a de que nenhum profissional, classe ou corporação desaparecer. Até os dias atuais tudo isso é apresentado como uma verdade inexorável, o que de certa maneira explica as atitudes de desânimo e incertezas diante da diminuição de opções de trabalho. Hoje facilmente somos levados a constatar que apenas os profissionais “x” ou “y” estão em extinção. Para o senso comum essa idéia ressoa como verdade. No cotidiano, há muitos fatos que parecem confirmar essa assertiva, facilmente rememoráveis no século XX. Lembrem-se dos chapeleiros e dos alfaiates, no início deste século, da intensidade e da veemência do movimento sindical entre eles. Recordem o significado de suas salas, verdadeiros locais de sociabilidade de notícias e fofocas. A força das indústrias *prêt-à-porter*, cujos acenos de roupa e acessórios bem feitos e baratos, soaram mais fortes, e também fizeram com que tanto chapeleiros como alfaiates fossem minguando, empobrecendo, até se tornarem operários em fábricas (O Alfaiate, jornal de 1923, ano 1, n.4). Analogamente, a falta de perspectiva da sobrevivência de um grupo expressivo de bancários, enquanto categoria profissional, pode ser interpretada como necessidade de se destruir, posto que pode tornar-se obsoleto brevemente. Situam algumas ilustrações acerca dessas recorrentes ações destruidoras. Diz-se frequentemente que o caminho é uma fábrica sem operários, assim como também um banco sem bancários. Ou, ainda, que caminhamos para salas de aula sem professores, que a categoria não tem futuro, ou que se encontra em extinção, diante das novas tecnologias (KLEIN, 1995:20).

Ora têm sido incessantes os movimentos de transformações das sociedades. Um profissional, de qualquer área, pode tornar-se obsoleto, como foram os chapeleiros e os alfaiates, desaparecidos na virulência do processo da passagem de uma forma social de viver à outra. Todavia, até

que uma forma se complete, a atuação de alguns seres humanos tem importância vital. Se não fosse a atuação decisiva dos intelectuais, na década de trinta, provavelmente, não teríamos as universidades; ou do mesmo modo, se não fosse a atuação dos chapeleiros, não teríamos nem chapéus nem direitos sociais...

Assim como os alfaiates certas profissões devem continuar "costurando" ainda por algum tempo. É muito fácil visualizar o que seria, caso os alfaiates encerrassem suas atividades antes mesmo que a indústria tivesse dominado o mercado, inúmeras pessoas teriam que andar esfarrapadas, por um bom tempo, a esperar, talvez, por um produto industrializado do além mar. Portanto, torna-se necessário muita cautela. Nem tudo é informática; nem toda informática dispensa o conhecimento. A arte de continuar sendo um profissional, até que historicamente se tornasse dispensável, exigiu muita competência. A passagem de uma sociedade à outra comporta um período de transição. Ela por sua vez pode gerar angústia, sofrimento de toda ordem, pois não é mais possível viver na velha forma porque uma nova fórmula, histórica, ainda não surgiu.

Transições decisivas: da oficina para a fábrica e desta para a grande indústria moderna.

A maioria das máquinas tendiam a ser introduzidas em ocasiões de prosperidade crescente, quando o nível de empregos estava melhorando e a oposição não totalmente mobilizada, pôde ser dissipada por algum tempo. Quando as dificuldades voltaram, o momento estratégico para se opor aos novos implementos havia passado. Novos trabalhadores para operá-los já haviam sido recrutados, os operários antigos ficaram de fora, capazes apenas de destruições ao acaso de seus competidores, incapazes de se imporem sobre a máquina. penetram com mais facilidade em períodos de prosperidade (HOBSBAWM, 1981:22/3).

Ainda, uma vez mais, remontando a história, a extinção dos operários de ofícios (MARX, 1968:565), da manufatura à indústria, desencadeia-se uma transição social sem precedentes. A análise sucinta desta, ilustra a pertinência do debate atual sobre a **potencialidade da transição social** e a aurora de um novo amanhecer. Visto nessa ótica, o desemprego é apenas a manifestação mais evidente deste movimento social. Assim, sociologicamente considerado, o desemprego não é somente

negatividade, ele contém, contraditoriamente, potencialidades, que advém justamente de se perceber movimentos no social. Analogamente, o desemprego é o “canto dos cisnes” da história dos homens inscrita na forma de trabalho assalariado e de capital que foram instituídos numa determinada sociedade. Convém insistir numa obviedade: tudo o que é social é humano, tudo o que é humano não é natural, mas inventado, criado. Com essa compreensão, tanto o desemprego, e, sua antítese, o trabalho não são criações divinas, mas ambos se inscrevem na história das invenções dos homens. A retrospectiva tem então somente esse propósito, de lembrar que os fatos e as idéias que se fazem sobre eles tem história, movimento. Pertencem à história das profissões tempos mais remotos do que imaginamos à primeira vista.

As profissões, primeiramente, trazem à memória as oficinas; o artesanato; as corporações; a habilidade manual e a independência do trabalho. A oficina é o espaço do operário de ofícios, cujas mãos hábeis garantem o meio de vida e também o trabalho independente e, aí, o trabalhador domina o ofício por completo, conseqüentemente pode trabalhar em qualquer lugar para se manter, não depende dos outros.

Mas, uma vez implantada a divisão manufatureira (MARX, 1968:417/8), o trabalhador perde essa sua independência, essa sua capacidade e, passa a ser somente um complemento dos demais. Sempre relembando a história, no início do processo manufatureiro há ainda pouca diferenciação entre o artesanato e as corporações, a não ser pelo número de trabalhadores. A oficina do mestre artesão apenas eleva a quantidade de homens trabalhando. Nela o mestre de ofício independente aprende a desempenhar uma profissão, acumula conhecimentos, muitas vezes passados de pai para filho, por várias gerações.

Em tempos rigorosos, esse processo diz respeito a um longa trajetória na qual é significativa a transição das formas artesanais de trabalho para a manufatura e, posteriormente, da sua negação com a criação da maquinaria (MARX, 1968:201). Nesse período o mestre de ofício e seus aprendizes cedem lugar às máquinas que substituem as mãos humanas. A polivalência e a qualificação no trabalho são substituídas pela ação do especialista, com a intensificação na divisão social do trabalho. Em 1776 um alfinete é confeccionado por 18 profissionais (SMITH, 1983:42).

De dentro da oficina, que é o resultado da divisão manufatureira do trabalho, engendra-se a sua destruição através da invenção das máquinas. Além de destruir o ofício manual que era o fundamento da

produção social, até então, eliminam-se as necessidades de ligar o trabalhador a uma operação parcial por toda a vida (MARX, 1968:422). Destroem-se os laços que atam os trabalhadores artífices à destreza. A máquina líquida então com o trabalhador, no sentido em que este se torna seu apêndice.

O ponto de partida da indústria moderna (...) é a revolução do instrumental de trabalho, e esse instrumento revolucionário assume sua forma mais desenvolvida no sistema orgânico de máquinas da fábrica (MARX, 1968:449).

Entre a ferramenta manual e a máquina há um processo de desenvolvimento que estabelece uma diferença importante entre elas, desfazendo a idéia aparente de que a diferença da primeira para a segunda é apenas na complexidade. A máquina não se diferencia da ferramenta manual simplesmente porque a primeira é mais complexa. A máquina contém mais do que uma simples diferença de grau. Entre uma e outra há tempos históricos distintos.

Quando em 1735 John Watt anunciou sua máquina de fiar e com ela a Revolução Industrial, do século XVIII, não disse que a máquina seria movida por um burro e não por um homem, embora o burro desempenhasse o papel de força motriz. Seu prospecto falava numa **MÁQUINA DE FIAR SEM DEDOS** (MARX, 1968:425).

Com essa máquina inaugura-se um outro tempo histórico: a era da industrialização. A máquina ferramenta toma o lugar da simples ferramenta.

No processo artesanal as ferramentas são instrumentos do trabalhador. Na indústria estes mesmo instrumentos reaparecem, mas já de forma modificada, eles são agora ferramentas de um mecanismo, isto é, instrumentos mecânicos. Às vezes podem ser até confundidos, à primeira vista, pois os instrumentos reaparecem como edição mecânica, mais ou menos, modificada do antigo instrumento profissional, tal como ocorreu com o tear mecânico.

A máquina ferramenta é portanto um mecanismo que, ao lhe ser transmitido o movimento apropriado, realiza com suas ferramentas as mesmas operações que eram antes realizadas pelo trabalhador com ferramentas semelhantes. Provenha a força motriz do homem ou de outra máquina, a coisa não muda sem sua essência. Quando a ferramenta

propriamente dita se transfere do homem para um mecanismo, a máquina toma o lugar da simples ferramenta (MARX, 1968:427).

Realiza-se, assim, uma grande ruptura, visto que o trabalho não depende mais das condições biológicas do trabalhador (MARX, 1968:425). Além disso, instaura-se uma grande diferença no processo de trabalho, pois o movimento global da fábrica, não depende agora somente do trabalhador mas da máquina.

O capital emprega maquinaria e essa utilização, como qualquer outro desenvolvimento de força produtiva, é realizada para assegurar o barateamento das mercadorias, diminuir a parte do dia que o trabalhador necessita para si mesmo e em contrapartida aumentar a parte do trabalho não pago. A maquinaria é um meio para produzir *mais-valia* (MARX, 1968:25). Desenvolve-se o antagonismo social, em virtude de interesses contraditórios: a procura de trabalho não se identifica com o crescimento do capital. Dito de outra forma, quanto mais a máquina se apodera da produção, mais cresce a miséria social uma vez que parte da classe trabalhadora se transforma em supérflua, não mais imediatamente necessária ao aumento do capital. O despotismo é a regra dessa relação. Comandar não é uma tarefa especial, apenas diferente das outras, mas resultado do processo de trabalho social, não mais individual. Comandar, objetiva explorar um processo de trabalho social e por decorência assume a característica de antagonismo inevitável entre o capitalista e o trabalhador.

Com a aglutinação de trabalhadores num mesmo espaço físico, na fábrica, instaura-se uma tendência de resistência, que se materializa com a quebra de máquinas e, segundo PERROT, ela foi mais significativa do que costuma-se acreditar. Entre o final do século XVIII e meados do século XIX diversos fatos marcam a oposição dos trabalhadores franceses às máquinas. Na França, apesar de menos intensa do que na Inglaterra. A oposição global dos trabalhadores à domicílio à industrialização foi muito intensa. Com uma cronologia de feição sincopada seus momentos mais significativos são 1787/9; 1816/9; 1829/33; 1840; 1847/8 (PERROT, 1988:25).

A cartografia destes enfrentamentos está vinculada à emergência da sociologia industrial. A oposição assume várias formas de luta e a destruição das máquinas, a forma mais conhecida, é o último recurso (PERROT, 1988:37/8). Aí toma-se imprescindível o controle social e a disciplina no processo de trabalho capitalista (PERROT, 1988:19). Nesse processo muitas vezes os personagens sociais tornam-se indefinidos, amalgamados, próprios de uma transição social que independe de vontade. O personagem social que comanda, no início, se confunde com os demais trabalhadores, mas, no mo-

mento seguinte, ele se emancipa do trabalho manual, tão logo seu capital alcança um nível em que começa a produção, propriamente, capitalista. Depois, o capitalista se desfaz da tarefa de supervisor direto e constante, delegando a atividade a um tipo especial de assalariado que se ocupa, entre outras tarefas, de disciplinarizar os trabalhadores (MARX, 1968:38). Já no período da manufatura são freqüentes as queixas dos capitalistas sobre a indisciplina dos trabalhadores (PERROT, 1988:22). Entretanto uma fábrica não é uma prisão, embora ambas se assemelhem.

Na transição social, que resulta na extinção dos ofícios e ascensão do supervisor de maquinarias, PERROT enfatiza a ocorrência de muitas dificuldades para se conseguir que pessoas livres trabalhem regularmente com exatidão e obediência.

A perfeição do trabalho que se obtém com a nova máquina será um estímulo a se fazer melhor e o operário finalmente entenderá que, quando as máquinas substituem em todos os sentidos o trabalho do homem, produzem melhor e mais barato do que ele, a razão ordena-lhe obedecer às prescrições do senhor, afim de que faça o melhor possível, e ordena-lhe também (...) a renunciar salários exagerados (PERROT, 1988:23).

As novas tecnologias

A história da maquinaria e suas implicações sociais tem sido, até aqui, exaustivamente lembrada porque culmina por instaurar uma outra forma de produzir. Ademais, a revolução industrial apodera-se das mãos e o trabalho em geral se restringe à tarefa de vigiar a máquina e corrigir manualmente seus erros. No entanto este não é um processo abrupto e no início é imperceptível e quase não se notam suas mudanças.

A própria máquina a vapor na forma em que foi inventada no fim do século XVII, durante o período manufatureiro, e em que subsistiu até o começo da década dos 80) do século XVIII não provocou nenhuma revolução industrial. Foi, ao contrário, a criação das máquinas-ferramentas que tornou necessária uma revolução na máquina a vapor. Quando o homem passa a atuar apenas como força motriz numa máquina-ferramenta, em vez de atuar com a ferramenta sobre o objeto de trabalho, podem tomar seu lugar o vento, a água, o vapor, etc., e torna-se acidental o emprego da força muscular humana como força motriz (MARX, 1968:429).

Na transição da oficina à fábrica e da fábrica à indústria moderna as exigências profissionais no trabalho tornam-se rarefeitas, além disso, parecem ficar obsoletas num piscar de olhos. Essa tem sido a realidade de inúmeras pessoas que, outrora, eram necessárias e hoje são, na prática, dispensáveis. Alfaiates; acendedores de lampiões; bancários; chapeleiros; rebocadores de embarcação; mineiros e tipógrafos ilustram essa realidade em transformação. Esse processo não só inviabiliza a vida de seres humanos individualmente, o que seria argumento suficiente para um projeto de pesquisa. Nessa trajetória, sucumbem pessoas e também as formas de expressão da vida coletiva, como os movimentos sindicais e sociais, dos quais, esses sujeitos fazem parte.

A transição social, aqui exemplificada, contribui para desmistificar as inovações tecnológicas que há muito tempo preocupam os pensadores. Considerada a história da maquinaria, vê-se que as novas tecnologias são, há muito, previsíveis. A novidade e suas implicações sociais analisadas exaustivamente, já na metade do século XIX, rasgam o véu que oculta o motivo a que veio.

Quando a máquina se apodera, pouco a pouco, de um ramo de produção, ela produz miséria crônica na camada de trabalhadores com que concorre. Quando a transição é rápida, seus efeitos são enormes e agudos. A história não oferece nenhum espetáculo mais horrendo que a extinção progressiva dos tecelões manuais ingleses, arrastando-se durante decênios e consumando-se finalmente em 1838. Muitos deles morreram de fome, muitos vegetaram por longos anos com suas famílias (...) Por outro lado, foram agudos os efeitos da maquinaria da indústria têxtil algodoeira na Índia. O governador geral em 1834/35 constatava: a miséria encontrará dificilmente um paralelo na história do comércio. Os ossos dos tecelões de algodão branqueiam as planícies da Índia. A máquina, sem dúvida ao criar para esses tecelões sofrimentos passageiros, tirava-os desta vida passageira (MARX, 1968:493-4).

Aquilo que os homens, hoje, denominam de novo, a extinção de profissões, não é exatamente uma novidade deste final de século. No capitalismo, inovar constitui elemento-chave para continuar existindo. Transformando continuamente a sua base técnica, alteram-se também as atividades dos trabalhadores, e as combinações sociais dos processos de trabalho. Lançam-se trabalhadores de um lado para outro, de um ramo da atividade para outro, como por exemplo, o que está acontecendo no ABC paulista: fábricas são fechadas e algumas delas reabertas em

Minas Gerais, onde a hora salário é mais barata. O mesmo pode-se dizer a nível internacional (RAMONET, 1995), e através desse processo elimina-se toda a tranqüilidade e segurança do trabalhador. Ser supérfluo é o mesmo que ser impactado, independe da consciência.

Além disso, é característica de toda era moderna que a indústria jamais petrifique uma forma de produzir. Seus fundamentos técnicos são revolucionários, enquanto que os precedentes eram conservadores. O termo **revolução** necessita de uma consideração pois, **transformação social** ou revolução, não é barricada, não é assalto ao poder, não é golpe, ou algo que se institui por decretos. Os esforços para responder a essas questões, neste momento, representam uma tarefa hercúlea, posto que significa dizer que os equipamentos, isto é, os instrumentos de trabalho, **podem não revolucionar**. Revolução ou transformação social são termos intercambiáveis, e eles dizem respeito a um determinado momento social apenas no movimento das sociedades humanas, aqui, denominados de processos de homens em luta, adquirindo especial significado: **transição**. Nela assumem grandes relevâncias as mudanças, muitas vezes imperceptíveis...

Ilustra esta abordagem a **Revolução Francesa**, por ser um momento histórico em que as relações sociais e a luta de classes adquirem contornos especiais, e tal como ensina a história: 1789 caracteriza-se pelo fim de um período, o *L'Ancien Regime* e o nascimento de um novo tempo germinado nas entranhas do anterior.

Na atualidade, o termo revolução é carregado de significado, o que poderia dispensar explicações. Entretanto, teme-se que se infira a ele algo de eterno. O seu enunciado nada mais é do que um recurso de simplificação para expressar algo numa linguagem convencional que, contudo, não pode ir além da forma. De maneira breve o termo empregado expressa algo dito por MARX: **toda revolução dissolve a velha ordem** (FURET, F. *Dicionário Crítico da Revolução Francesa*).

A transformação social desperta sentimentos inimagináveis. A propósito, há um autor francês (YOUNG) que assim se pronuncia no século XVIII:

os materiais (pedra, ferro, vidro), com que tinham sido construídos os castelos da nobreza feudal, eram, agora, vendidos, por especuladores, que demoliam os mesmos a fim de obter lucros na venda dos materiais. Com isto, com certeza estes especuladores não seguiram senão seus interesses os mais imediatos, mas não lhes ocorreu que o que estava

sendo demolido, pedra a pedra, era uma sociedade. E nós, ao demolirmos os muros que dividiam o mundo, acreditaremos em mera coincidência? (FIGUEIRA, 1991:19).

Reconhecer o que é a transformação social é uma tarefa muito difícil por que se trata de reconhecer inovações, da luta que o novo trava para se instituir. E para isso se faz necessário certos cuidados: não se enganar com as aparências do que vem acontecendo na atualidade. Os comunistas poderiam estar remexendo a ordem para realizar algo superior? O desemprego é sinal de revolução?

É provável que nos acusem de mania de revolução, de ver fantasmas onde reina a tranqüilidade. Ao caracterizar os personagens sociais em tempos de transformações, insiste-se naquilo que parece imóvel, mas cujas transformações são inegáveis. Desta maneira, o nosso ponto de partida (o pressuposto) da análise das profissões não é outro senão o movimento da sociedade e que também é o ponto de chegada: a sociedade em movimento. Nela se engendram condições para que personagens sociais como por exemplo, o acendedor de lampiões produza sua existência acendendo lampiões. Dela também se desenvolvem os elementos de sua superação. Mas tanto quanto um trabalhador, homem ou mulher, tem filhos, amigos, pertence a uma época social. Seu pai era acendedor de lampiões, assim como seu avô e seu bisavô, mas ele não consegue mais sobreviver desta forma. Ele não acende mais lampiões. Por mais breve que seja a tempestade que ele viva, decorrente desta transição em **querer ser e não conseguir mais ser**, uma dolorosa transição se instaura. Não há dificuldade maior de análise do que uma realidade indefinida, de fisionomias indecisas. Nela, nem tudo é negatividade. Os clássicos são clássicos apenas porque têm a capacidade de refletir sobre a atualidade, ainda que estejam distantes do tempo e das tempestades que vivemos. As potencialidades são contraditórias.

Bibliografia

- AUED, I. M. *Estratégias e contradições na construção da sociedade socialista: Socialismo de menos, capitalismo demais (1917-1929)*. Tese de doutorado em Ciência: Geografia Humana. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Abr./ 1996.
- ANTUNES, R. *A rebeldia do trabalho*. Campinas : Unicamp, 1986.
- _____. *Adeus ao trabalho?* São Paulo : Brasiliense, 1995.

- AZNAR, G. *Trabalhar menos para trabalharem todos*. São Paulo : Página Aberta, 1995.
- BIDET, J. (org.) *La crise du travail*. Paris : Presses Universitaires de France, 1995.
- BRAVERMAN, H. *Trabalho e capital monopolista*. São Paulo : Guanabara, 1974.
- BLACKBURN, R. (org.) *Depois da queda*. São Paulo : Paz e Terra, 1992.
- BRESCIANI, L. P. *Tecnologia, organização do trabalho e ação sindical: da resistência à contratação*. São Paulo : Escola Politécnica, 1991.
- BUENO, R. e outros. *Capital e trabalho*. Rio de Janeiro : Rio Fundo Editora, 1991.
- CAPISTRANO, D. *Adeus ao Trabalho?* In: *Revista Atenção*. São Paulo : Página Aberta. Out./1995.
- CASTRO, N. E GUIMARÃES, A. Trabalho, sindicalismo e reconversão industrial no Brasil nos anos 90. In: *Revista Lua Nova*, n.22. São Paulo : CEDEC, 1990.
- _____. Desigualdades raciais no mercado e nos locais de trabalho. In: *Revista Estudos Afro-Asiáticos*, n.24, Rio de Janeiro, 1993.
- CHESNAIS, F. *A mundialização do capital*. São Paulo : Xamã, 1996.
- COMIN, A. e outros. *O mundo do trabalho*. São Paulo : Escrita, 1994.
- CORIAT, B. *L'atelier et le robot*. Paris : Bourgois, 1990.
- DIEESE. Mercado de trabalho em Santa Catarina. In: *Estudo especial*. Florianópolis : DIEESE, jun./1996.
- _____. Reestruturação produtiva e emprego na indústria de Santa Catarina. In: *Estudo Especial Dieese*. Florianópolis : DIEESE, dez./1996.
- FREYSSINET, J. Le mouvement Social. In: *Revista Crítica Marxista*, n.1, v.1, São Paulo : Brasiliense, 1994.
- FRIEDMANN, G. Tendências de hoje, perspectivas de amanhã. In: *Tratado de sociologia do trabalho*. São Paulo : Cultrix, 1973.
- GOMES, A. C. *A invenção do trabalhismo*. São Paulo : Vértice, 1988.
- GORZ, A. *Adeus ao proletariado*. Rio de Janeiro : Forense, 1987.
- HOBSBAWM, E. *Os trabalhadores*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1981.
- _____. *Mundos do trabalho*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1987
- _____. *A era dos extremos*. São Paulo : Brasiliense, 1995.

- HIRATA, H. (org.). *Sobre o modelo japonês*. São Paulo : Edusp, 1993.
- HARVEY, D. *A condição pós-moderna*. São Paulo : Loyola, 1989.
- KEYNES, J. *Teoria geral do emprego, do juro e do dinheiro*. São Paulo : Abril, 1983.
- KLEIN, L. O professor decreta o fim da escola. In: *Revista Intermeio*, v.1, n.2, Campo Grande : Ed. UFMS, 1995.
- KURZ, R. *O colapso da modernização*. São Paulo : Paz e Terra, 1993.
- LAMPEDUSA, G. *O Leopardo*. São Paulo : Abril, 1974.
- LIPIETZ, A. *Audácia. Uma alternativa para o século 21*. São Paulo : Nobel, 1991.
- LEITE, M. de P. *Novas tecnologias e subjetividade operária*. São Paulo : Escrita, 1994
- LOJKINE, J. *A classe operária em mutação*. São Paulo : Oficina de Livros, 1990.
- _____. *A revolução informacional*. São Paulo : Cortez, 1995.
- LOPES, J. *Sociedade industrial no Brasil*. Rio de Janeiro : Difel, 1965.
- MARCUSE, H. *A ideologia da sociedade industrial*. Rio Janeiro : Zahar, 1967.
- MARX, K. *O Capital*. Rio de Janeiro : Civilização, 1968.
- MARQUES, R. M. *Automação micro-eletrônica e o trabalho*. São Paulo : Binal, s.d.
- NAGELS, J. *Trabalho coletivo e trabalho produtivo*. Lisboa : Editora Prelo, 1975.
- NAVILLE, P. *Hacia el automatismo social? Problemas del trabajo y de la automación*. México : Fondo de Cultura, 1985.
- NEDER, R. T. *Automação e movimento sindical no Brasil*. São Paulo : Hucitec, 1988.
- NEGT, O. *Dialética, história e movimento*. São Paulo : Instituto Goethe, 1989.
- NEGROPONTE, N. *A vida digital*. São Paulo : Companhia das Letras, 1996.
- O ALFAIATE, Jornal, n.4, Rio de Janeiro, ago./1923.
- O CHAPELEIRO, Jornal, n.3, São Paulo, dez./1903.
- OFFE, C. *Trabalho e sociedade*. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1984.

- PEREIRA, L. C. e outros. O colapso da modernidade. In: *Novos Estudos CEBRAP*, n.6, Jul./1993.
- PERROT, M. *Os excluídos*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1988.
- _____. *O espírito da época*. In: *Ensaio de Ego-história*. Rio de Janeiro : Ed. 70 Ltda, 1987.
- RODRIGUES, L. M. *Sindicalismo e sociedade*. São Paulo : Difusão Européia do Livro, 1968.
- RUBIN, I. *Teoria marxista do valor*. São Paulo : Brasiliense, 1980.
- RIFKIN, J. *O fim dos empregos*. São Paulo : Mackron Books, 1995.
- REVISTA CRÍTICA MARXISTA, n.1, v.1, São Paulo : Brasiliense, 1994.
- SMITH, A. *A riqueza das nações*. São Paulo : Abril Cultural, 1983.
- SELIGMANN, E. *Desgaste mental do trabalho*. São Paulo : Cortez Editora, 1994.
- SIMÃO, A. *Sindicato e Estado*. São Paulo : Dominus, 1966.
- THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1987.
- THUROT, L. *El futuro del capitalismo*. Buenos Aires : Javier Vergara Editores, 1996.